O DEMOCRATA

(AVENÇADO)

Semanário Republicano de Aveiro

ANO 37.º — Sábado, 24 de Junho de 1944 — N.º 1842

VISADO PELA CENSURA

Redacção e Administração
Rua Miguel Bombarda, 21
Comp. e imp.—IMPRENSA UNIVERSAL
R. Combatentes da G. Guerra — AVEIRO

Director e Proprietário
Arnaldo Ribeiro

Editor e Administrador
Manuel Alves Ribeiro
Correspondência dirigida ao Director
Publicidade Lisboa e Pôrto *Agência Havas*

CARTA DE LONGE

Um amigo, que muito presamos, encontrando-se presentemente em Stockolmo, escreve-nos:

. . . .

Esta linda capital da Suécia, cortada, também, de formosos canais, é, na realidade, uma das cidades mais bonitas do Mundo.

Conheci cidades encantadoras como Paris, Bruxelas e Viena; cidades grandiosas, como Nova-York e Berlim, mas nenhuma me surpreendeu como Stockolmo. Talvez por ter nascido em Aveiro, a nossa amada terra, que trago sempre no pensamento, acostumei-me à paisagem amenizada pela beleza da água. E de aí considerar esta cidade mais ao gôsto dum aveirense.

O meu amigo recorda-se, certamente, da quantidade de ciclistas que cruzavam o Bois de la Cambre, em Bruxelas, e que fizeram a sua e a minha admiração. Pois tudo fica a perder de vista com o que se vê em tôdas as artérias de Stockolmo. Até existem locais especiais, tanto nas ruas como nas praças, para deixar essas máquinas, nas quais, como dizia alguém. o *burro vai em cima!* Mais de 71.000 bicicletas! Simplesmente espantoso!

Os automóveis, êsses, circulam, quási todos a gasogénio. Andam bem, com razoável velocidade, mas não tocam a buzina, essa endiabrada gaita que não deixa dormir a população da baixa na nossa pitoresca Lisboa.

Nos jardins de Stockolmo vi hoje alguns grupos de raparigas que faziam ginástica. Em quási todos os parques existem monitores de educação física, pagos pela municipalidade, que ministram lições a novos e velhos, criando para a Suécia uma geração de pessoas fortes e belas.

As crianças vão à escola desde os 7 aos 14 anos, acusando as estatísticas uma percentagem inferior a 1% de analfabetos! Quer dizer: quási que não existe neste país o analfabetismo. E ninguém aqui faz economias. Todos vivem a vida. E não fazem economias porque existem asilos para os velhos, para os inválidos, para tôda a gente necessitada. Não há pobres, portanto.

Enfim, meu amigo: a Suecia é um país civilizado, o mais adiantado de todos os países do Báltico.

. . . .

Olhe: almocei hoje com um sueco, que esteve em Lisboa. Este homem, porém, ficou enamorado da nossa capital. Lisboa é, na verdade, uma cidade peculiar, característica, diferente, que tem forçosamente de impressionar esta gente do norte. E o mais curioso é que, no fim, ouvi fados.

No Grande Hotel jantei com o Ministro do Brasil, por quem fui convidado, tendo a orquestra cantado, em bom português, e em nossa honra, a *Cidade Maravilhosa*, canção brasileira.

Também me foi dado jantar com o nosso ministro, Visconde de Vila Tamega, velho amigo de meu falecido Pai e vários titulares de aqui. Aos brindes, o Ministro recordou o *sportman mais completo, do seu tempo, em Portugal*, e, como não podia deixar de ser, falou se de Aveiro. E foi, talvez, por isso que eu vim para casa a pensar nos encantos da nossa tão desprezada ria, que é diferente de tudo que há pelo mundo, e resolvi falar consigo, meu caro Arnaldo Ribeiro, para desabafar a grande pena que me faz, pensar que essa ria, como outra não existe que se lhe iguale, ainda não esteja, na Primavera e no Verão, cheiinha de barcos à vela, a rêmo ou a motor.

Não diga isto a ninguém... Em todo o caso, sempre que puder, faça, no seu jornal, a campanha que ela merece e ao mesmo tempo incite a mocidade a exercitar-se, mostrando-lhe as vantagens que traz o culto pela vida ao ar livre, pela Natureza, por tudo, enfim, que é saüdável.

Até a ria ganhará novos atractivos com mais velas brancas e com mais remadores.

Pois está claro. A nossa ría — a ria de Aveiro — se a soubessem aproveitar, o que não seria! Mas fique descansado o ilustre aveirense que de tão longe nos escreve: a aurora do ressurgir há-de despontar...

Tenhamos fé.

I-O-I

O «Marianela»

Devia ter chegado, esta semana, a Gibraltar, a bordo do vapor suíço *Caritas*, a tripulação do navio-motor da Emprêsa Continental de Navegação, L.da, desta cidade, que há dias se afundou no Atlântico.

A-fim-de assistir ao desembarque, seguiu para ali o nosso ilustre colaborador dr. Alberto Souto, gerente da Emprêsa.

O Bairro de Sá

Continua ao abandono por parte das entidades encarregadas da limpeza e das regas nesta época do ano.

Estamos fartos de pedir providências. Mas como tudo tem sido em vão, paciência.

Que é boa para a vista...

Calor excessivo

Como parece andar tudo fóra dos eixos, também o calor apareceu fóra do tempo em que costuma ser mais intenso. Resultado: cresceram os montes de sal e diminuiu o produto das terras.

E é que nisto de astronomia não tentem mexer lhe porque — está-se a ver — ninguém lhe dá volta.

Praia mártir

Espinho voltou a sofrer as investidas do mar, que lhe levou mais algumas casas do bairro piscatório, deixando sem abrigo os respectivos locatários.

Já é infelicidade.

A estiagem

— o —

Por falta de chuvas andam alarmados os lavradores porque vêem as suas culturas ameaçadas de se perderem. Devido á prolongada estiagem, os poços têm pouca água, não se podem fazer as regas necessárias e os fontenários, em alguns pontos, quási só gotejam. Contudo, há estabelecimentos comerciais que, tendo uma função própria, não podem trabalhar sem água, como sejam os hoteis, as pensões e os cafés. À vista do exposto, não poderia a Câmara mandar pôr à disposição do público camionetes com água potável, junto das fontes, como era costume? A despeza a fazer com a gasolina traduzir-se-ia num grande benefício para a cidade. Porque se o milho, o arroz e outros artigos não podem criar-se sem água, os habitantes também precisam dela para os usos domésticos, tornando-se imprescindível.

É nestas e noutras ocasiões semelhantes que devem pôr-se em prática as chamadas medidas de excepção.

"O DEMOCRATA"

Na próxima semana deve voltar ao regime das quatro páginas e continuar assim se não surgirem novos impedimentos.

Aos nossos assinantes pedimos desculpa de todas as faltas havidas e que ainda possam vir a dar-se.

OS DESVARIOS DA MOCIDADE

(História duma rapariga moderna)

pelo prof. Serras e Silva

VIII

A educação insuficiente, tanto moral como religiosa, deixou aquela natureza à solta, entregue aos impulsos do temperamento, assaz vivo e exuberante. As adulações vieram depressa estimular a vaidade, aguilhoar a sensibilidade e pintar de variadas côres a liberdade de vida, sem preconceitos, sem freios, sem moral, sem nada do que é preciso para que uma rapariga se mantenha na ordem e na disciplina, à espera de constituir o seu lar na paz e na dignidade de mãe de família. Velharias que cheiram a bafio, a ar confinado e putrido aos narizes verdadeiramente modernos. Ora a nossa desconhecida era e queria ser rapariga inteiramente moderna. «Não me importo com o que dirão, ou possam dizer, desde que sei que não faço mal e apenas me divirto»

Era assim que ela respondia à mãe, que se queria opôr às loucuras da filha rebelde, prestes a lançar-se na voragem onde muitas caem e ficam para sempre. «Não faço mal e apenas me divirto». Razão tinham os antigos de recomendar a distinção entre o bem e o mal. Já Platão insistia neste ponto: — aprender a ciência do bem e do mal.

O cristianismo especificou, no Decálogo, o que devia ser olhado como proïbido, como mal a evitar.

Há coisas que são más, que se não podem fazer sem sofrermos as conseqüências inevitáveis, dolorosas, que tarde ou cêdo caem sôbre nós e sôbre os outros. Não é por capricho, por espírito de tirania ou de violência que os códigos se fazem, é por necessidade de coagir as naturezas fracas a fugir do mal que produz a desordem na sociedade. Os preceitos do Decálogo são diques que se opõem ao trasbordar das paixões, que defendem a ordem social no respeito de Deus, dos outros e de nós mesmos. A mocidade repele as coacções morais, quere a liberdade do touro, «que os instintos condenam à engorda nos campos ou aos mugidos dos combates».

Os sociólogos têm observado as conseqüências sociais do cumprimento ou desprêzo das leis escritas no Decálogo. «Aqueles que as cumprem, prosperam; os que as ignoram, sofrem; aqueles que as violam, desaparecem».

O meio em que vivia, aos 18 anos, não favorecia o conhecimento nem o cumprimento daquelas leis. A desconhecida não sabia a ciência do bem e do mal. «Desde que sei que não faço mal...». Mas quem lhe tinha dito que não fazia mal? Tinho lo ditr o Mefistófeles, protector nato de tôdas as raparigas modernas; tinha lo dito a sua consciência mal formada, onde não tinha entrado sèriamente o catecismo nem o sentimento das conveniências e do pudor; tinham-lo dito todos os aduladores que a atraíam para a satisfação do seu egoismo; tinham-lo dito os filmes do cinema, os romances, mesmo os menos maus, com a sua condescendência pelas fraquezas que descrevem com indiferença quando não é com sedução; tinha-lo dito a vida de tôda a gente que procura o interêsse e o prazer, sem olhar à nobreza de um ideal de abnegação e de ascese.

O materialismo, o confôrto, o domínio do corpo, a repulsa pelo sacrifício a favor da dignidade humana, tudo concorre para amolecer a vontade e quebrar a energia da resistência à solicitação do instinto que se torna senhor e dono do corpo e da alma. «Desde que não faço mal...». Que noção tinha ela do mal que a não impedia de se abandonar sem vergonha ao primeiro que lhe oferecesse uns passeios de automóvel ou entradas no cinema? «Julgo-me como que obrigada a recompensar êstes favores...». Trocava a honra e o pudor por uns bilhetes de cinema ou por umas tantas excursões no campo, e tudo isto lhe parecia normal, regular, dentro da ordem porque não ficava devendo nada a ninguém! Não é o gôzo pessoal que lhe ditava esta conduta, é o mercado e também a condescendência quando o aviltante desceu até à cava de repugnante.

Como nos tempos de agora lhe teria sido penoso deitar ao papel aquelas confissões! Como lhe há de ser doloroso também ler estas linhas que, com a sua permissão e pedido, são lançadas ao Público para edificação e aviso de outras raparigas!

Teria vergonha; sentiria as faces a arder.

A atmosfera que se respira nas grandes cidades é, por tôda a parte, insalubre, impregnada de sensualidade, de paganismo, de moleza, e a tal ponto deleteria que a vontade sossobra, capitula, sem combate, e entrega-se, atada de pés e mãos, às volupias do instinto, descendo ao nível da pura animalidade.

A animalidade! Com que altivez se sacodem as antigas normas e limitações, para se exibirem quási nuas nas praias, supondo que esta prática triunfante representa a mais alta prova de civilização!

Êste ponto — nudismo nas praias — merece uns minutos de análise, porque os problemas que à sua volta se suscitam são um tanto ou quanto obscuros; mas a prática exige que a seu respeito se tenha a noção clara do que importa fazer, na fase de civilização em que nos encontramos. Por isso o tema voltará, em outro artigo, em que os factos fornecidos pela desconhecida encontrarão o seu lugar. Afrontar o passado, as normas estabelecidas; repelir os antigos conceitos de moral cultural, para fundar a nova moral da natureza, é regressar à selva e cair mais baixo que algumas tribus selvagens.

Benemerência

No mealheiro dos nossos pobres deu entrada, esta semana, a quantia de 12$50, que cresceu duma importância enviada para pagamento de alguns exemplares do jornal requisitados de fora da terra.

Agradecemos a generosidade.

I-O-I

Vida Militar

Assumiu, de novo, o comando do Regimento de Infantaria 10, o sr. coronel Maçãs Fernandes, que esteve a reger cadeira no Instituto dos Altos Estudos Militares de Caxias.

Apresentamos-lhe cumprimentos.

VINHO DO PORTO FALSO

Em Londres foram punidos no tribunal com pesadas multas e custas os proprietários de duas casas de bebidas que vendiam, como vinho do Porto, outro, de produção inglesa, contido em garrafas de procedência portuguesa, adquiridas por sete xelins.

Daqui se infere que o número dos traficantes nunca teve limite e até nos países adiantados se vão encontrar — a contas com a Justiça...

Os exames

Como já noticiámos, principiam depois de amanhã em todos os liceus do país, sendo expressamente proïbido aos candidatos levar para as salas onde se realizam, livros, cadernos, notas ou apontamentos — refere um comunicado.

A afinação a que se chegou...

Aos lavradores

No Grémio da Lavoura de Aveiro e Ilhavo acha-se aberta até o dia 30 a inscrição para o concurso de *A melhor seara de milho*.

Quem a possuirá?

O Verão

Oficialmente, fez a sua entrada no dia 21, quarta-feira. Mas antes, ao aproximar-se, é que se lhe sentiram os efeitos.

Parecia lume...

O CINEMA

Pela Metro-Goldwyn Mayer, a maior organização cinematográfica do mundo, está presentemente a ser comemorado o 20.º aniversário da sua fundação, que acaba na segunda-feira com um grande banquete de homenagem à amizade entre os exibidores portugueses e a companhia produtora da Culver City.

Lemos a história da poderosa organização no seu boletim intitulado *O Rugido do Leão*, que recebemos. A-pesar-de nêle se fazer apenas uma sucinta descrição dos estúdios, avaliamos o que não será êsse centro industrial onde todos os dias é consumida electricidade que poderia iluminar fèericamente uma cidade de 25.000 habitantes.

Que coisas grandiosas a imaginação e o braço do homem têm feito erguer sôbre a Terra!

Orfeão dos Voluntários Portuenses

Como fôra anunciado, realizou, faz hoje oito dias, um sarau no nosso Teatro, êste magnífico agrupamento artístico.

Sob a direcção do maestro Raúl Casimiro, o Orfeão dos Portuenses proporcionou aos amadores de música da nossa terra uma agradável audição. Na primeira parte: *Avé Maria*, de Arcadelt, interpretação expressiva, pianos perfeitos; *Tantum Ergo*, de S. Bach, bem modelado — os corais de Bach são sempre profundamente emotivos — mas mais faria vibrar se o grupo tivesse maior número de executantes. Depois uma canção espanhola, cantada com ritmo e graça própria, e a fechar *Capelinhas d'Aldeia*, de Hernani Torres, que agradou. Seguiu-se um acto de variedades, que, ao contrário do habitual, não massou — curto e bom.

Por fim, novamente o orfeão cantou música do maestro Raúl Casimiro, que dirigia: *Amas a Nosso Senhor*, côro a cinco vozes para ser compreendido por quem possua fina sensibilidade; *Morreu*, côro a 6 vozes, com solo pela professora sr.ª D. Arnaldina Santos Pinto. Voz agradável, quente, sentindo bem e transmitindo bem a sua emoção; a partitura, difícil, originou algumas hesitações na parte coral. A fechar o programa, *Lenda dos Olhos Feiticeiros*, belíssimo côro a seis vozes, em que tanto o autor como os orfeonistas puzeram tôda a sua alma. Finalmente o Hino Nacional, cantado com interpretação vibrante como só a gente do norte sabe cantar.

Uma grande ovação rematou o sarau.

O orfeão dos Voluntários Portuenses, composto, em grande percentagem por orfeonistas já feitos, e alguns já de idade meio avançada, o que contribue para uma notável melhoria de volume e qualidade de som comparado com o número de componentes, não esteve nos seus dias mais felizes. A afinação, por vezes, pouco justa e um à vontade, talvez em excesso, prejudicaram levemente um ou outro número.

No entretanto a audição que nos proporcionou deu-nos grande prazer, e só merece louvores quem tornou possível a deslocação a Aveiro dêste explêndido grupo coral.

* * *

Os orfeonistas, que chegaram de tarde, foram recebidos no quartel da Companhia V. Salvação Pública Guilherme Gomes Fernandes, onde lhes deram as boas-vindas o sr. dr. Luis Regala e à noite, no teatro, antes do início da sarau, houve troca de saudações entre os srs. drs. Carlos Perição e João de Oliveira Guimarães, do Pôrto.

Jardim Público

É assim conhecido desde longa data êste aprazivel recinto, ligado com o Parque por uma escadaria.

Falamos hoje nêle por constatarmos que há já algumas semanas um dos portões da entrada ou seja aquele que dá para o largo fronteiro à igreja de Santo António, se encontra encerrado, causando péssima impressão aos seus freqüentadores e a quantos de fora o visitam, dando origem aos mais variados comentários.

Realmente é para estranhar semelhante resolução, pois não atinamos com o objectivo que determinou tal medida.

Horas aziagas

Quando atravessava, terça-feira de manhã, a passagem de nível da Fôrca, foi colhido por um combóio em manobras, que lhe esmagou uma perna e fracturou um braço, João de Oliveira Júnior, casado, de 87 anos, natural da Quinta do Gato.

O desventurado octogenário foi conduzido ao Hospital, sendo melindroso o seu estado.

Digno de registo

O sr. Egas Salgueiro, em nome do Conselho de Gerência da Emprêsa de Pesca de Aveiro, de que é gerente-delegado, fez entrega à *Gota de Leite*, instituïção que socorre, presentemente, avultado número de crianças e mãis, da quantia de quinze mil escudos (15 contos).

* * *

Também a sr.ª D. Laura Esteves, esposa do sr. Alfredo Esteves, director do Banco Regional, fez oferta ao Hospital de duas dúzias de lençoes e igual número de almofadas, travesseiros e toalhas.

Bem hajam.

I-O-I

Licenças de Comércio e Indústria

Os contribuintes que ainda não efectuaram o pagamento destas licenças, devem fazê-lo, impreterivelmente até ao dia 29 do corrente, sob pena de execução.

Secção Desportiva

Remo

Organizado pela Secção Náutica do Club dos Galitos e por incumbência da F. P. R. realizou-se, domingo, entre as Pirâmides e a ponte da Gafanha, o Campeonato Regional de Velocidade em que tomaram parte, além dos nossos remadores aveirenses, tripulações do *Ginásio Club Figueirense* e *Associação Naval 1.º de Maio*, da Figueira da Foz.

Os resultados foram os seguintes: *Skiff* (Seniores) 2.000 m — Ginásio C. Figueirense (único concorrente).

Yolle (Júnior) 2.000 m — *Club dos Galitos*, cuja tripulação era composta por Antero Veiga, Lotário Cristo, Alpoim Oliveira, Carlos Gamelas e timoneiro António da Cruz Bento (único concorrente).

Out-rigger de 4 (Juniores) 2.000 m — 1.º, *Club dos Galitos* (António Mateus Júnior, João Carlos da Cunha, Albino Neto, Carlos do Roque e timoneiro Edgar T. Lopes) e 2.º *Ginásio Club Figueirense.*

Out rigger de 4 (Seniores) 2.000 m — 1.º, *Club dos Galitos* (Manuel de Matos, José Vélhino, João de Sousa, Amadeu Moreira e timoneiro Américo Marques) e 2.º, *Associação Naval 1.º de Maio.*

Os Galitos fizeram esta prova em 6 minutos e 50 segundos, batendo nitidamente por seis cumprimentos os campeões nacionais de 1943.

Tôdas as provas foram arbitradas pelo distinto desportista dr. Severo Biscaia, da Figueira da Foz, e que a esta cidade se deslocou nomeado pela Federação.

Sem espaço para um relato mais circunstânciado, é com satisfação que saúdamos os *Galitos* pelas vitórias alcançadas.

A.

NECROLOGIA

No estado de solteira finou se Maria Guilhermina de Oliveira, cujo cadáver foi sepultado no cemitério sul da cidade.

Contava 82 anos e era tia do sr. Serafim de Oliveira e da esposa do sr. Luíz Manuel Rodrigues, residente na capital.

Os nossos sentimentos.

Notas Mundanas

Aniversários

Fazem anos: hoje, a académica Dulce Alves Souto, gentil filha do nosso distinto colaborador dr. Alberto Souto; a inocente A'da Maria, filha do sr. dr. Acácio Valente, médico em Vàlega, e os srs. tenente João Baptista Marques e José do Espírito Santo; amanhã, as interessantes Maria Luiza de Melo Ramos e Ascensão Ferreira Martins, filhas, respectivamente, do sr. António N. F. Ramos, do Ultimo Figurino, e José Martins, mestre de talha da Escola de Fernando Caldeira, e a sr.ª D. Maria das Dores Vieira da Costa Lelo, esposa do sr. José de Mesquita Lelo, do Porto; no dia 26, a menina Maria de Lourdes de Melo Moreira, filha da sr.ª D. Ilda de Melo Moreira, e o inocente José Carlos, filho do sr. José Rodrigues Madail, funcionário da Intendência Pecuária, e os srs. tenente Julio Durão, João Baptista Guimarães, da firma Lau & Filhos, L.da, *e Manuel Luiz Coimbra, residente na capital; em 28, a menina Maria Carolina Arroja, irmã do sr. José Martins Arroja e as interessantes Maria de Fátima Lima e Maria Helena Sobreiro Vidal, filhas, respectivamente, dos srs. tenente Barata de Lima, comandante da secção da Guarda Fiscal de Peniche, e dr. Carlos Vidal, médico na Costa do Valado; em 29, a sr.ª D. Isaura Farto Branquinho e o nosso amigo Severiano Ferreira Neves, professor oficial em Esgueira, e em 30 a sr.ª D. Alice Bessa de Brito, esposa do sr. capitão Alfredo de Brito, actualmente em Lisboa, e o inocente José Guilherme Lima Pinto, filho do sr. Artur José Pinto Júnior, do Porto.*

Gente nova

Em Sangalhos teve o seu feliz sucesso, dando à luz um menino, a sr.ª D. Ismália da Naia Ferreira, esposa do sr. dr. Manuel Seabra Ferreira, médico naquela localidade e filha do coronel-farmacêutico, sr. Francisco Marques da Naia.

Um futuro risonho desejamos ao neófito.

Praias e termas

Está nas Têrmas de S. Pedro do Sul, o sr. António Coelho e esposa.

Partidas e Chegadas

A passar a estação calmosa, encontra-se em Pessegueiro do Vouga o sr. José António de Macêdo Vasconcelos, 1.º oficial de Finanças aposentado.

—Do Caramulo veio aqui passar alguns dias, a gentil Maria de Lourdes Cristo, filha do escrivão, sr. Júlio Cristo.

—Também aqui esteve o sr. Manuel da Silva, residente na capital.

Santos Populares

Realizou-se, na noite de domingo, o primeiro festival no Mercado, que registou numerosa concorrência e onde se dançou ao som de dois *jazzs* até à madrugada seguinte.

No mesmo recinto e em lugares próprios não faltou o leitão assado e outras iguarias; a bôa pinga para acompanhar os sólidos e também tôda a qualidade de refrigerantes para abater os calores...

Enfim: a primeira noite de folguedo veio demonstrar que o Mercado é o recinto indicado para estas diversões quando bem organisadas, tudo levando a crêr que com mais um bocadinho de esfôrço e de boa vontade se pode ir ainda além.

* * *

Hoje, dia de S. João, realiza-se o segundo festival, estando marcado para a noite de àmanhã, o terceiro. Depois temos os que se realizam em honra do santo claviculário, em 1 e 2 de Julho.

Como se sabe são organizados pelas duas companhias de bombeiros, merecendo, por isso, todo o auxílio que se lhes possa dispensar.

Agradecimento

A família de Odília dos Anjos Soares agradece muito reconhecida a tôdas as pessoas que acompanharam a saüdosa extinta à sua ultima morada e bem assim àquelas que se interessaram pela sua doença.

Aveiro, 16 de Junho de 1944

Carta de Lisboa

Promessa cumprida

Foi há dez anos. Salazar recebia então os cumprimentos dos clubes desportivos de Lisboa na já histórica parada do Terreiro do Paço. O Presidente do Conselho agradecia as manifestações dos desportistas portuguêses. Foi quando disse:

«Temos de reagir pela verdade da vida que é trabalho, que é sacrifício, que é luta, que é dor, mas que é também triunfo, glória, alegria, céu azul, almas lavadas, corações puros, e de dar aos portuguêses, pela disciplina da cultura física, o segrêdo de fazer duradoura a sua mocidade em benefício de Portugal.

Eis porque muito bem compreendo o vosso sentir, as vossas aspirações, e porque creio, tanto como no ressurgimento da nossa Pátria pelas virtudes da nossa mocidade, na realização, metódica, mas certa, das que me são agora presentes. E porque a primeira de todas é a construção do Estádio Nacional, regozigemo-nos porque teremos, em breve, o Estádio Nacional!»

Foi assim que há dez anos Salazar prometeu a construção do Estádio Nacional. Decorrido o breve lapso, Portugal pode já hoje orgulhar-se de possuir um dos melhores estádios da Europa. Mais uma promessa do homem que nunca faltou, se cumpriu inteiramente. Por isso o país assistiu no dia 10 do corrente ao grande e extraordinário acontecimento: a sua inauguração, que evidencia, mais uma vez e de maneira tão notável como expressiva, o que é a obra de realização da Revolução que não tem deixado de olhar com interêsse e solicitude para um unico problema nacional.

CORDEIRO GOMES

Correspondências

Costa do Valado, 21

Consorciou-se no domingo, na nossa capela, a menina Rosa Vieira Estrêla, simpática filha do activo negociante Albino Peralta Estrêla, com o nosso amigo António de Oliveira Queiroz, natural do vizinho lugar de Quintans onde é bastante estimado pela sua irrepreensivel conduta.

Em casa dos pais da noiva foi servido um lauto banquete aos numerosos convidados.

Com os nossos parabens os votos por que sejam felizes.

—Continua melhor dos seus padecimentos o sr. Manuel Gomes Ferreira.

Estimamos.

C.

Visitai o Parque da Cidade